

## RESENHA

Laurentino Gomes. **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. v. 1. 479 páginas.

Ana Cristina Lima Couto<sup>1</sup>

Laurentino Gomes é atualmente um dos maiores escritores do Brasil. Os números de vendas de seus livros mostram isso. Ademais, ganhou sete vezes o prestigiado Prêmio Jabuti de Literatura da Câmara Brasileira do Livro. Laurentino é natural de Maringá e estudou jornalismo na Universidade Federal do Paraná. Trabalhou como jornalista na revista *Veja* e no jornal *O Estado de S. Paulo*.

Em 2008, Laurentino publicou o seu primeiro grande sucesso: “1808”. O livro aproveitava a data comemorativa dos 200 anos da chegada da família real portuguesa ao Brasil para contar esta fascinante história de Portugal e do Brasil. Livro mais vendido do país por vários meses, “1808” permitiu que Laurentino deixasse seu emprego de jornalista e se dedicasse inteiramente à tarefa de escritor. E os sucessos literários continuaram: os livros “1822”, sobre a independência do Brasil, e “1889”, que trata da proclamação da República, alcançaram a primeira posição nas vendas.

Resta, porém, algumas informações secundárias, mas importantes. Laurentino não é um historiador profissional. Ele é um escritor. Seu método de produção é estudar o trabalho dos historiadores e apresentá-los ao público, em seus livros, em linguagem clara e não cansativa. Seus livros são prazerosos de se ler. Além de conter muitas informações relevantes, os livros escritos pelo autor trazem passagens pitorescas de personagens pouco conhecidos. Desta forma, Laurentino divulga nossa história, tão rica em acontecimentos, para um público maior, que não tem tanto interesse em estudar livros científicos da área. Laurentino é, portanto, um divulgador da ciência histórica; essencial para que as pesquisas cheguem a um público maior. E mais, apresenta o conhecimento mais atual sobre o assunto em questão. Muitos trabalhos historiográficos importantes, publicados décadas atrás, possuem informações contraditas por novas pesquisas.

No ano de 2015, Laurentino divulgou a notícia de que iria publicar uma nova trilogia. Desta vez, o assunto seria a escravidão no Brasil. Assunto por demais sério e que continua a influenciar a nossa maneira de viver. A escravidão só “acabou” para os mais privilegiados. Para a maioria da população brasileira, os traços da escravidão estão por toda a parte.

Depois de visitar doze países em três continentes, e pesquisar a historiografia do tema, Laurentino publicou o primeiro volume sobre a escravidão em 2019, com o título “Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares”. O livro percorre um período de cerca de 250 anos: do início da escravidão dos povos africanos por Portugal (em 1444) até o final do século XVII, que culminou com a destruição do quilombo dos Palmares e a captura e morte de Zumbi.

Vamos listar nesta resenha, oito assuntos de destaque neste primeiro volume sobre a escravidão portuguesa e brasileira. O primeiro é o número de escravos africanos que vieram para a América. Laurentino refez as contas, com base nas estatísticas mais recentes sobre o tema, e concluiu que cerca de 10,7 milhões de escravos africanos chegaram vivos na América. Destes, 4,9 milhões desembarcaram no Brasil (47% do total), entre 1500 e 1850. O autor ressalta, porém, que o tráfico sistemático de escravos africanos para o Brasil só começou na década de 1560. Antes, a maioria quase absoluta dos escravos era de origem indígena. O tráfico de escravos para a América se intensificou no século XVIII: cerca de 85% de todas as viagens de navios negreiros para a América ocorreram a partir de 1700. No mesmo período (1500/1850), o número de portugueses que vieram para o Brasil foi de apenas 750 mil.

O segundo assunto de destaque é o domínio econômico de apenas dois produtos exportáveis ao longo de quase 400 anos de escravidão no Brasil: açúcar e café. Para o autor, ambos os produtos eram sinônimos de escravidão. Em relação ao ouro, mesmo no seu período mais intenso de produção (década de 1750), este

<sup>1</sup> Doutora em Economia pelo Programa de Pós-graduação em Economia da Universidade Estadual de Maringá (PCE/UEM). Professora do Departamento de Economia da Universidade Estadual de Maringá (DCO/UEM).

nunca ultrapassou as exportações de açúcar. O açúcar foi o produto mais exportado pela colônia brasileira por 300 anos, sendo ultrapassado somente na década de 1830 pelo café.

O terceiro destaque era o perigo que envolvia o processo de moagem da cana de açúcar nos engenhos. O engenho era uma refinaria; uma atividade industrial. Ele era independente da plantação. No Brasil, tínhamos muitas plantações, mas poucos engenhos. Todo o seu maquinário era importado e de alto valor. Somente os proprietários mais ricos tinham um engenho em suas terras. O lugar mais perigoso do engenho era a moenda. Sua força motriz era o boi ou a roda de água. Normalmente era operado por mulheres escravas. O risco era que a máquina que moía a cana tragasse também alguma parte do corpo da operadora. Começava pelas mãos, e caso a moenda não fosse paralisada, puxava o braço e o próprio corpo da trabalhadora. Era comum encontrar escravas mutiladas nos engenhos de açúcar no Nordeste.

Um quarto assunto importante do livro é sobre a “criação de escravos”. No Brasil, ao contrário de outras localidades, não houve fazendas de criação de escravos. Segundo Laurentino, não era vantajoso para o senhor de engenho criar crianças para serem escravizadas no futuro. Os custos para criar uma criança, até 12 ou 14 anos, eram mais altos que o preço de um escravo adulto.

Quinto ponto de destaque foi a devastação das florestas do Nordeste. As fomalhas dos engenhos necessitavam de grande quantidade de lenha. Assim, ocorreu um lento e gradual desmatamento, do litoral para o interior do Nordeste. Euclides da Cunha já tinha salientado em *Os Sertões*, de 1902, que as poucas chuvas do sertão nordestino eram por causa das devastações das florestas da região, primeiro pelos índios depois pelos colonizadores europeus. Disse Cunha que se o homem não criou a seca do Nordeste, contribuiu para o seu aumento com o desmatamento.

O sexto destaque é a contribuição da igreja católica para a escravidão. Durante quatrocentos anos, padres, bispos, cardeais e ordens religiosas apoiaram, lucraram e participaram do tráfico negreiro para a América e o Brasil. Os jesuítas brasileiros eram escravocratas. Padre Vieira apoiava a escravidão no Brasil. A igreja católica nunca se posicionou oficialmente contra a escravidão.

Para o sétimo assunto interessante do livro, temos a história pitoresca que envolveu a princesa portuguesa Catarina de Bragança, filha do rei de Portugal D. João IV, que restaurou o trono português em 1640, pondo fim a União Ibérica. Para selar um acordo decisivo entre Portugal e Inglaterra, Catarina de Bragança se casou com o rei inglês Charles II, em 1661. Foi Catarina que introduziu o hábito de tomar chá, de origem oriental, na Inglaterra. Catarina também foi sócia de uma empresa inglesa de tráfico de escravos. O bairro de *Queens* em Nova York foi batizado em sua homenagem.

O oitavo assunto é aquele com o qual Laurentino termina o seu livro: o quilombo dos Palmares. Em 1608, Palmares já assustava os moradores de Pernambuco. Em 1645, uma expedição militar holandesa foi enviada para combater o quilombo dos Palmares, na Serra da Barriga, litoral da Paraíba. Fracassou, como muitas outras. Palmares só foi destruído, em 1694, pelo bandeirante Domingos Jorge Velho, com uma tropa de seis mil homens, após cerco de 14 meses. Zumbi, seu último líder, fugiu. Encontrado, em 1695, foi morto e esquartejado. Em Palmares, os líderes e chefes do quilombo tinham escravos. O quilombo dos Palmares nunca foi abolicionista.

Assim, este foram apenas oito temas de tantos outros que se encontram no livro *Escravidão*. Com este primeiro volume, Laurentino Gomes mostra-se em forma na sua escrita, transmitindo conhecimento e informação de forma acessível e agradável. É sempre um prazer ler os livros do escritor paranaense.

Data da submissão: 15-10-2021

Data do aceite: 10-12-2021